

STR DE LUCAS MOBILIZA ASSENTAMENTOS PARA MONITORAR FOCOS DE CALOR

Os monitores socioambientais mobilizados pelo STR de Lucas do Rio Verde estiveram reunidos, entre os dias 29 e 31 de maio, na sede do sindicato discutindo três temas: monitoramento dos focos de calor nos assentamentos, implantação de agroflorestas e legislação ambiental.

O seminário faz parte das atividades da Campanha 'Y Ikatu Xingu' e teve o objetivo de levar mais informações sobre esses temas e organizar com os monitores um modelo de monitoramento dos focos de calor nos assentamentos Bom Jaguar (Marcelândia), Califórnia (Vera), Entre-rios (Nova Ubiratã), e ENA (Feliz Natal). Além destes municípios, participaram monitores de Peixoto de Azevedo e Cláudia. O tema contou com a contribuição do técnico do ICV Rodrigo Marcelino.

Além do monitoramento das

queimadas, o grupo aprendeu princípios e práticas agroflorestais. Com orientação do agrônomo Osvaldo de Sousa, do ISA, o grupo realizou o plantio de um canteiro agroflorestal para exercitar as técnicas, plantando banana, mandioca, abacaxi, verduras e árvores, como o timbó, o jatobá e o ipê.

Para completar o seminário, os técnicos Múcio Teixeira e Benedito de Araújo Gomes, da Secretaria Estadual de Meio Ambiente de Mato Grosso, e Diogo Feistauer, Amanda Caraça e Valéria Santiago, do Ibama, falaram sobre a legislação ambiental e o papel de cada instituição na gestão ambiental das propriedades rurais, incluindo orientações sobre a queimada controlada.

Multiplicação

Os temas vistos pelos monitores no seminário do sindicato já vêm sendo multiplicados nas comunidades rurais. Ambrósio Pereira Carvalho e Maria Maia fizeram um curso na comunidade Santa Luzia, em

Peixoto de Azevedo, falando sobre educação ambiental, queimada controlada e questões de gênero, nos dias 9 e 10 de junho.

No Assentamento Entre-rios, em Nova Ubiratã, Luir Garbin e Marçal Ribeiro dos Santos fizeram um curso nos dias 16 e 17 de junho sobre sistemas agroflorestais, diagnóstico rural das propriedades, associativismo, matas ciliares e reserva legal.

Em Cláudia, Armin e Carlos Alzarim trabalharam com as crianças da Escola Daniel Titon, explicando a agrofloresta. Eles fizeram até mesmo um canteiro baseado nos princípios da agrofloresta, no sítio da coordenadora do Gapa, Brigitte Fricker. A atividade aconteceu nos dias 2 e 3 de julho e no final as crianças levaram para suas casas sementes e mudas de plantas nativas. ●

CONSÓRCIO É CRIADO PARA PROMOVER AÇÕES DE GESTÃO AMBIENTAL E RECUPERAÇÃO FLORESTAL NA BACIA DO XINGU EM MT

Um consórcio de cinco entidades com atuação em Mato Grosso foi formado para promover ações de conservação e gestão sustentável dos recursos florestais da Bacia do Xingu em Mato Grosso. Trata-se do Consórcio que reúne o Fórum Mato-Grossense de Meio Ambiente e Desenvolvimento (Formad), Instituto Centro de Vida (ICV), Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (Ipam), Instituto Socioambiental (ISA) e Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Lucas do Rio Verde no Projeto Governança Florestal nas Cabeceiras do Rio Xingu.

O projeto é uma das dezenas de ações que vêm somando esforços para a recuperação das nascentes do Xingu em Mato Grosso - necessidade que motivou a criação da Campanha 'Y Ikatu Xingu', em 2004. Em 2006, a partir da divulgação de um edital da União Europeia para financiamento de iniciativas socioambientais no Brasil, o ISA mobilizou parceiros para elaborar um projeto tendo como base a campanha Y Ikatu Xingu. "Sendo a campanha pré-existente, anterior ao edital

e ao projeto, não foi difícil elaborá-lo, buscando ampliar e aprofundar a atuação de organizações já participantes das suas atividades. Por isso, trata-se de um consórcio mais orgânico e não apenas uma somatória de projetos das organizações envolvidas", relata Márcio Santilli, coordenador da Campanha pelo ISA.

A iniciativa organiza-se em cinco eixos de atuação: Planejamento Territorial e Gestão Ambiental; Recuperação de Nascentes e Matas Ciliares; Apoio à mobilização social comunitária; Apoio à organização de médios e grandes proprietários e Comunicação Social. Na prática, as cinco organizações vêm desenvolvendo projetos piloto de recuperação de áreas degradadas, incluindo a pesquisa de modelos de recuperação, capacitação de agricultores e agricultoras, fortalecimento de organizações sociais e comunitárias, apoio e difusão de práticas de recuperação florestal entre médios e grandes proprietários e apoio à gestão ambiental e ordenamento territorial nos municípios.

Dadas as dimensões da bacia do

Xingu - somente na porção mato-grossense são 35 municípios - as iniciativas acontecem na forma de projetos-piloto em alguns desses municípios. A idéia é que essas iniciativas sirvam de modelo para os demais, estimulando novos projetos em toda a Bacia. Cada uma das cinco entidades vai desenvolver uma parte das ações, dentro daquilo que tem experiência, de forma que todas as atividades se complementem. "O objetivo do projeto é viabilizar a ação concertada das organizações que compõem o consórcio, por meio de várias atividades convergentes, visando construir uma proposta de gestão integrada dos recursos hídricos e florestais da região das cabeceiras do Xingu", completa Santilli. ●

BACIA DO XINGU

Extensão: 51,1 milhões de hectares, abrangendo Pará e Mato Grosso
População: aproximadamente meio milhão de pessoas, sendo que, deste total, cerca de 13 mil pessoas são indígenas, de 24 etnias

EM MATO GROSSO

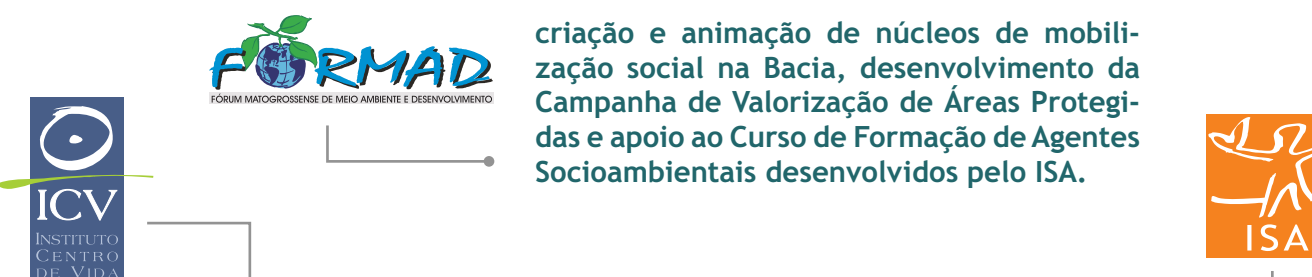
Extensão: 17,7 milhões de hectares
Área desmatada: 5,5 milhões até 2005
Municípios: 35

A CAMPANHA

A Campanha 'Y Ikatu Xingu' é uma iniciativa de mais de 30 entidades envolvidas em ações de restauração e preservação das águas do Rio Xingu. Participam dessa grande mobilização associações de produtores, ONGs, sindicatos de trabalhadores rurais, assentamentos e prefeituras de toda a Bacia do Rio Xingu no Mato Grosso. O nome 'Y Ikatu Xingu' significa "água limpa, água boa do Xingu" na língua Kamayurá - uma das 18 etnias indígenas que vivem no Parque Indígena do Xingu. Acesse www.yikatuxingu.org.br para saber mais.

SAIBA MAIS

Veja as principais atividades desenvolvidas pelas cinco organizações do consórcio até 2010. Vale lembrar que todas as atividades são feitas com colaboração das demais parceiras.



planejamento da paisagem na sub-bacia do Manissauá-Miçu; apoio a duas iniciativas de Zoneamento Ecológico-Econômico no leste da Bacia; projeto demonstrativo de recuperação de áreas degradadas; piloto de gestão ambiental em assentamento da reforma agrária; monitoramento do desmatamento.



definição de modelos de recuperação de nascentes e matas ciliares; cadastro de propriedades rurais com boas práticas ambientais; elaboração de cenários de recuperação para a Bacia; implantação de unidades demonstrativas de recuperação florestal.

planejamento da paisagem na sub-bacia do Suiá-Miçu; apoio a uma iniciativa de Zoneamento Ecológico-Econômico no leste da Bacia; projeto demonstrativo de recuperação de áreas degradadas; coleta de sementes com comunidades indígenas; formação de lideranças socioambientais.

capacitação de agricultores e agricultoras familiares em controle do fogo; intercâmbios de experiências em assistência técnica; apoio à formação de grupos de mobilização comunitária na Bacia.



SÃO JOSÉ DO XINGU NA LUTA EM DEFESA DAS NASCENTES E MATAS CILIARES

O município de São José do Xingu agora é o irmão caçula da campanha 'Y Ikatu Xingu'. Começou no município o projeto Recuperando as Nascentes e Matas Ciliares: Um Exemplo de Concertação Intersetorial.

A iniciativa prevê, até julho de 2009, a implantação de dez áreas-piloto de recuperação da vegetação das nascentes e das margens do Rio Paturi, um dos formadores do Xingu, em assentamentos, grandes e médias propriedades rurais. Também será recuperada a nascente do córrego que atravessa a sede urbana. No total, 140 hectares de florestas deverão ser recompostos.

Estão previstos trabalhos nas escolas e oficinas sobre a importância econômica, ecológica e hidrológica das nascentes e matas ciliares. A prefeitura vai ceder um terreno para a instalação de um viveiro com capacidade para a produção anual de 75 mil mudas de espécies nativas do Cerrado, que serão usadas para o reflorestamento das dez áreas. Nelas, também será feito o monitoramento da qualidade da água.

O projeto está orçado em R\$ 500 mil, custeados pelo Fundo Nacional do Meio Ambiente (FNMA), e é uma parceria entre a Câmara Municipal, a Associação de Pequenos Produtores Rurais de São José do Xingu, a prefeitura e o ISA. Também participa a fazenda Bang, propriedade do empresário Luís Castelo, onde já ocorre uma experiência de recuperação de mata de beira de rio

O povo Yudja, que habita o Parque Indígena do Xingu perto de São José, também deverá participar, fornecendo sementes de espécies da região. Com apoio do ISA, os índios realizaram uma oficina para fazer o reconhecimento das árvores com potencial para a comercialização das sementes. Foram identificadas 120 espécies de acordo com o sistema classificatório da própria comunidade. A lista de árvores foi encaminhada à coordenação da campanha 'Y Ikatu Xingu para que seja difundida e possa ser usada em outras ações. Os Yudja já realizam, há alguns anos, o monitoramento do desmatamento nas fronteiras do Parque.

São José do Xingu tem cerca de 1,7 mil nascentes e mais de 107 mil hectares de matas ciliares, ocupando posição de destaque na Bacia do Xingu no Mato Grosso em termos de Áreas de Preservação

Permanente (APP). A APP é a área prevista em lei que deve ser reservada nas propriedades rurais com a função de preservar a água, a paisagem e a biodiversidade, proteger o solo e assegurar o bem-estar das populações humanas. O Código Florestal

define como APP toda a vegetação que margeia os corpos de água (mata ciliar) ou está localizada em mangues, no topo de dunas, morros, serras, montes e encostas das grotas e chapadas. ●



Foto: ISA

MARCELÂNDIA COMEÇA ZONEAMENTO PARTICIPATIVO

Construir de forma participativa um ordenamento socioambiental e econômico de todo o território do município de Marcelândia. Com esse objetivo, membros do Fórum da Agenda 21 Local e estudantes se reuniram, nos dias 11 e 12 de julho, em uma oficina, para iniciar a elaboração do Zoneamento Ecológico-Econômico (ZEE).

De acordo com Karin Kaechele, coordenadora do projeto no ICV, o ZEE é um instrumento de organização territorial da área urbana e rural, que busca a sustentabilidade econômica, social, ambiental e cultural do município. "O ZEE participativo tem o objetivo de mapear a 'vocação' da terra e da comunidade local, permitindo o uso racional dos recursos naturais", acrescenta Karin.

Elaborado de forma participativa, o ZEE de Marcelândia busca a distribuição espacial das atividades econômicas, levando em conta as limitações e as potencialidades de cada região. O mapeamento vai permitir também a indicação de corredores ecológicos e áreas legalmente protegidas.

O ZEE também pode proporcionar a elaboração de projetos e atividades públicas e privadas. Definir o uso da terra, os fluxos econômicos e populacionais, a localização das infra-estruturas e auxiliar na concessão de crédito oficial, benefícios tributários e financiamento para atividades econômicas.

A oficina

Durante a oficina foi apresentado um diagnóstico ambiental do município, com dados e estudos sobre suas formações rochosas, tipos de solo, relevo, vegetação, bacias hidrográficas e o desmatamento acumulado desde o início de sua ocupação. Com base nos dados do Ministério do Meio Ambiente (MMA), foram apresentadas também as áreas prioritárias para conservação e as aptidões agrícolas da região.

A partir da avaliação sistêmica destas informações, foi gerado um mapa demonstrativo das potencialidades para o desenvolvimento e das áreas restritas ao desmatamento no município. "Esse mapa é apenas um exemplo do que se pode fazer com esses dados técnicos", declara Karin.

Os participantes da oficina se apropriaram de mapas que continham informações referenciais do município, como estradas, rios, limites políticos e áreas de floresta já desmatadas. Em cima desse material, criaram uma versão inicial de um mapa sócio-econômico do território. Para o professor Alcides Maraf o, membro do Fórum da Agenda 21, a oficina possibilitou que a população conhecesse melhor o seu município.

"Isso é fantástico. Eu moro há 24 anos aqui, estudo mapas, viajo o mundo pelos mapas, e não tinha uma visão ampla

do município. Com isso vamos conhecer a nossa região e, além disso, trabalhar toda a questão do futuro, de viver. Para que daqui 50, 100, 200 anos, o oxigênio seja mais puro do que hoje", declara o professor.

As atividades terão continuidade nos meses de agosto com a discussão dos conceitos e das potencialidades de elaboração de um ZEE municipal em Marcelândia e a criação de um grupo de trabalho para estudar as informações técnicas oferecidas, levantar mais dados sócio-econômicos e estabelecer os critérios para fazer o zoneamento.

Desafios

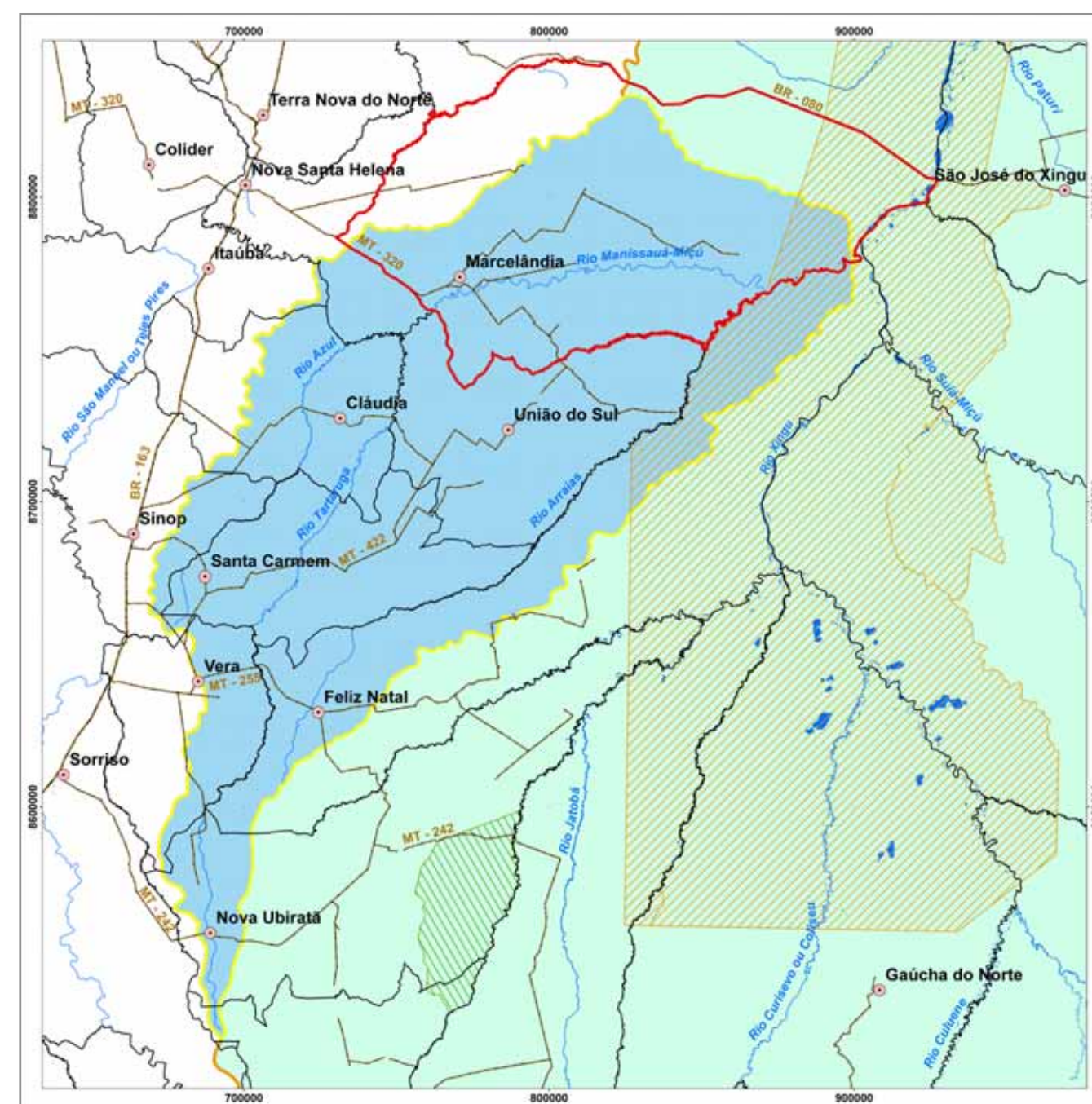
Para Karin Kaechele, um dos desafios nesta primeira etapa é fazer com que a população se aproprie das informações técnicas disponíveis e defina os critérios mais adequados para o estabelecimento das zonas.

De acordo com Sirlene Juliani, coordenadora da Agenda 21 e secretária municipal de Educação de Marcelândia, hoje o município vive as consequências do não ter planejado seu desenvolvimento ao longo das duas últimas décadas. Para ela, a população precisa unir-se para que não ocorram mais problemas, como o desencadeado pela Operação Guilhotina da Secretaria Estadual de Meio Ambiente (Sema), que lacrou e embargou o funcionamento das madeireiras do município, carro-chefe da economia local.

"Quando a gente foi entender o que era zoneamento, vimos que ele não pode ser uma decisão de poucos, tem que ser uma decisão de muitos. Porque tudo isso implica numa mudança, implica um futuro. Hoje a gente entende isso como uma conquista. No futuro, o município vai ter mais soberania sobre ele mesmo", declara Sirlene.

Presente na abertura da oficina, Adalberto Diamante, prefeito de Marcelândia, ressaltou a importância de se planejar um desenvolvimento sustentável e destacou a preservação das nascentes como fator de credibilidade nas discussões ambientais no país.

"Nós temos agora a oportunidade de estruturar a cultura de nosso povo em relação ao desenvolvimento, proporcionando a participação e o diálogo. Se aqui na Amazônia nós temos um município que possa dizer que tem todas as suas nascentes recuperadas, isso só vai nos fortalecer. Com esse trabalho nós estamos criando um conceito moral muito melhor para tratar sobre os gargalos ambientais com o Estado e com a União." ●



AGRICULTORES UTILIZAM AGROFLORESTA PARA RECUPERAR NASCENTES E AS MARGENS DE RIOS E CÓRREGOS

Foto: Formad



Agricultores familiares e assentados que já utilizam técnicas de sistemas agroflorestais agora vão aplicá-las para ajudar a recuperar nascentes no município em Canabrava do Norte, Porto Alegre e São Félix do Araguaia. Além de recuperar áreas degradadas de nascentes e matas ciliares, as agroflorestas contribuem para o reforço nutricional das famílias da zona rural, uma vez que o plantio de árvores inclui espécies frutíferas. A iniciativa nasceu a partir de um seminário realizado nos dias 5 e 6 de julho pela Comissão Pastoral da Terra - CPT Araguaia, Associação Terra Viva e o Formad, que marcou o início da Campanha de Valorização de Áreas Protegidas do na região do Xingu.

Mais de 150 pessoas que estiveram reunidas no evento, entre educadores, agricultores familiares, assentados, sem-terra e secretários municipais, definiram linhas de ação para os segmentos sociais ali representados a ser implantadas nos municípios imediatamente. Os assentados irão implantar Sistemas Agroflorestais (SAFs, mas conhecidos na região como casadão) em forma de mutirão. “O grande avanço deste seminário é que os participantes se envolveram e vão começar a fazer ações por conta própria”, destaca Solange Pereira, coordenadora de projeto no Formad. “Entidades que deram palestras no seminário como o ISA, Associação Terra Viva, Gestar e Associação Nossa Senhora da As-

sunção (Ansa) estarão disponíveis para consultoria”, afirma. Para a coordenadora, o sucesso do evento foi conciliar os anseios já existentes nos segmentos motivados da população desses municípios com a ação já em andamento por parte de entidades ambientalistas de credibilidade na região.

Professores e estudantes que participaram do seminário também vão botar

a mão na terra. Receberão de agricultores familiares e assentados sementes de várias espécies de plantas para arborização das escolas municipais, visando tornar os pátios escolares mais frescos e menos sujeitos à ventania, e também para os canteiros das ruas. Uma outra ação que está prevista é o reflorestamento das margens da represa que abastece de água o município.

Já está agendado para os dias 6 e 7 do mês de março de 2008 um seminário de avaliação. “Os planos de ação foram elaborados a partir das necessidades dos participantes e acreditamos nos compromissos de cada grupo estabelecidos em cima de uma demanda real que é a melhoria da qualidade de vida da população”, avalia Solange.

A proposta do Formad e dos parceiros locais é sensibilizar outros municípios da região do Xingu para seminários semelhantes a este de Canabrava e expandir a Campanha de Valorização de Áreas Protegidas, na perspectiva de fortalecer a Campanha ‘Y Ikatu Xingu para apontar a necessidade de proteger a vegetação nativa, conciliando isso com alternativas de desenvolvimento da região. ●



Foto: Formad

NOVO GRUPO DE AGENTES MULTIPLICADORES INICIA JORNADA SOCIOAMBIENTAL

Começou a segunda edição da Formação de Agentes Sociambientais da Bacia do Xingu promovida pela Campanha 'Y Ikatu Xingu. O primeiro módulo aconteceu de 26 a 29 de junho, em São José do Xingu, com a participação de 42 pessoas, entre agricultores familiares, médios e grandes produtores, professores, sindicalistas, agentes de saúde, gestores públicos e estudantes de oito municípios - Santa Cruz do Xingu, Confresa, Porto Alegre do Norte, Canabrava do Norte, Querência, Vila Rica, São Felix do Araguaia e São José do Xingu. O próximo módulo do projeto acontece de 22 a 26 de outubro.

Nessa primeira etapa, foram abordados diversos aspectos da cultura agroflorestal e florestal, o ciclo da água, as habilidades conceituais, sociais e técnicas fundamentais para a formação da lide-rança socioambiental, o papel do agente multiplicador nas relações sociais e em iniciativas ambientais. Os participantes identificaram sementes e espécies

florestais e observaram a fauna local. De acordo com a coordenação do projeto, os conhecimentos sobre esses temas serão importantes para as atividades que os participantes já exercem e em novas iniciativas. A idéia é “conhecer para entender e preservar”.

“Não há mais espaço na sociedade para um modelo antigo de produção. Não podemos ser cegos e surdos às alterações que estão acontecendo na natureza”, defende Fokko Heinrich Schwabe, produtor de soja de Santa Cruz do Xingu que está participando do projeto. A expectativa do engenheiro agrônomo ao formar-se agente socioambiental é conscientizar outros agricultores e mostrar que é possível produzir e preservar ao mesmo tempo. Fokko acredita que a tarefa não será fácil. “O pessoal costuma associar meio ambiente com multas e punições”. De acordo com ele, mudar essa mentalidade e conseguir mobilizar as pessoas em defesa das nascentes vai depender muito de quem está conduzindo a mobilização e de como o problema é apresentado.

Fokko já desenvolve algumas inicia-

tivas em sua fazenda de 3,6 mil hectares. As matas de beira de rio da propriedade estão todas preservadas. O produtor tem o cuidado de não captar água diretamente no rio para realizar a pulverização de agrotóxicos e faz o reflorestamento para produzir lenha. Ele considera que o trabalho com as crianças e escolas é fundamental. “Não teremos resultados imediatos, mas podemos ir mudando as coisas gradativamente, formando adultos mais conscientes.”

O primeiro módulo da formação foi coordenado por Rodrigo Junqueira, assessor da Campanha, e Fabiana Peneireiro, consultora do projeto. Contou também com a participação de representantes do Formad e do ISA. A primeira formação de agentes socioambientais na Bacia do Xingu aconteceu de outubro de 2005 a novembro de 2006 e reuniu 50 pessoas de Nova Xavantina, Água Boa, Canarana, Gaúcha do Norte, Querência e Ribeirão Cascalheira. ●

Poesia é com Ambrósio Pereira Carvalho, maranhense, asentado no PA Cachimbo I, em Peixoto de Azevedo. Além de poeta, Ambrósio é liderança popular e apresentador de programa de rádio no distrito de União do Norte.

UM ACORDO BEM SUCEDIDO

Campanha 'Y Ikatu Xingu
É água limpa e boa
Não é uma coisa à toa
Vem da língua Kamaiurá
Onde procura integrar
Órgãos governamentais
Movimentos sociais
Comércio e sojicultor
Pecuarista e produtor
Índios e ambientalista
Pra junto termos conquista
E dar ao Xingu o seu valor

Ao visitar Água Boa
Foi que tive a certeza
Quando vi sentar à mesa
Os índios e os fazendeiro
Já fiquei no desespero
Pensei, vai dar confusão

Assunto, preservação,
Coisa chata de falar
Pra quem produz pra exportar
Fala em nome do progresso
Não se limita ao sucesso
Dando chute pro azar

Mas eu me surpreendi
Com as organização
Ao tomarem a decisão
De começar a preservar,
Até de reflorestar
Os morros e as nascentes
Lagos rios e afluentes
Pra não faltar a comida.
E que ninguém não duvida
Do que foi nosso congresso
Nós conseguiu, com sucesso,
Um acordo pela vida

